

Contos Insones

por: Roberto Bezerra



Em uma terra árida

Em uma terra árida, ao longe se via o grande cacto, solitário e vazio como sempre foi. Conheceu desde semente o mundo assim, todos os cactos que ali viviam secaram neste deserto, inclusive aqueles que o geraram. Apenas ele sobreviveu, seco por fora, seco por dentro, nada lhe interessava, apenas vivia, um dia após o outro, vivia, e para ele era mais do que suficiente.

Era natural para ele ver a dança da vida e da morte em um ritmo tão intenso que pouco importava quem nascia, pois não havia tempo para se apegar.

Só, no vazio do deserto, apenas o silêncio e o calor diurno e o frio cortante da noite eram seus companheiros. Às vezes sonhava música quando o vento forte passava por seus espinhos forjando um leve assobio que lembrava uma triste canção.

Um dia, sem nenhuma explicação, como normalmente trabalha o destino, ao amanhecer, uma flor nasceu ao lado do cacto. Inicialmente, não foi percebida por ele, depois ao ser notada com muito espanto, veio a indiferença natural de quem sabe do destino inevitável daquele frágil ser.

Após certo tempo, a insistência daquele ser passou a lhe dar a incômoda sensação de confusão e curiosidade, sentimentos novos e fora do seu habitual controle.

Não resistindo mais, perguntou de forma rude e incisiva:

- Como veio parar aqui?

- Olá. Não sei lhe explicar, mas estou feliz em estar em sua companhia. Respondeu a pequena flor.

Ele silenciou. Estava acostumado com a solidão e a novidade lhe angustiava pois novas sensações lhe preenchiam.

Voltou a ser grosseiro:

- Não se acostume com minha companhia. Nada dura aqui.

- Ficarei o tempo que me for permitido. Retrucou a florzinha.

O final da tarde chegara e com ela um espetáculo único que é o pôr do sol.

A flor, esfuziante, observa:

- Que lindo! Que espetáculo!

-Do que estás falando? Ah, do final do dia. Que graça, isso apenas significa que o frio irá começar. Qual o espetáculo nisso? Comenta o Cacto de forma muito natural, cheia de tédio.

- Viver este dia até o fim já é uma dádiva e vê-lo se encerrar assim, coberto de tanta beleza, já valeu minha existência.

O cacto pela primeira vez pensou no fato de nunca ter tido algum objetivo na vida além de sobreviver e isso lhe deu uma enorme sensação de vazio. Aos poucos começou a vir pensamentos como: O que estou fazendo aqui? Por que não morri como meus ancestrais? Qual o meu papel nesse deserto?

Enquanto mergulhava em seus pensamentos, perdeu a beleza da luz do crepúsculo vespertino.

Chega a noite e a temperatura cai de repente. De alguma forma, proposital ou não, deixou cair uma parte de seu galho próximo a flor, de tal maneira que esta ficou protegida do vento gélido. Ao amanhecer, o gelo na ponta dos espinhos começou a derreter regando lentamente a flor em um processo repleto de cumplicidade.

Pela primeira vez, o cacto observou a flor com interesse. Ao ser banhada pela luz do nascer do dia,

brilhava como se estivesse repleta de pequenas pedras de diamante. Era uma flor simples, seu perfume era semelhante ao da terra molhada. Se tivesse como compará-la com outras flores talvez fosse considerada feia e malcheirosa, mas naquele lugar a estética era outra, o que tinha valor era o que não se esquecia, era o que não se perdia e o seu cheiro era delicioso. Sua forma era ímpar e irresistível.

O cacto então percebeu que onde existia plenitude agora deu lugar a incompletude. A presença daquela flor ao seu lado passou a ser essencial e como objetivo resolveu aprender com ela o que nunca soube, viver.

Um dia ela falou de forma tranqüila e suave:

-Acho que meu tempo aqui está no fim.

-Como assim no fim? Falou o cacto em pânico.

-Minha jornada aqui está acabando devo voltar a ser solo e fortalecer as vidas que virão.

-Mas você não pode! Quem irá me fazer companhia?
A flor ainda serena lhe respondeu:

-Nunca lhe faltou companhia. Você é que nunca quis ver o mundo ao seu redor. A indiferença lhe cegou para o mundo a sua volta. Se tivesse tentado sentir, talvez tivesse vivido mil anos em apenas um. Agora devo parar, me sinto cansada.

Apesar de toda a preocupação do cacto, de manhã a flor estava murcha. Suas pétalas estavam espalhadas pelo chão.

A dor do cacto foi de tão grande proporção que algo estranho aconteceu. Lentamente, um a um, seus espinhos foram caindo e nos locais que antes estes ocupavam vertia água que banhava toda a área ao seu redor.

Antes de definhir totalmente percebeu que a água que saía de si estava fazendo brotar diversas flores ao seu redor. A flor havia encontrado uma maneira de gerar vida através de sua união pura e delicada com o cacto. E este, pela primeira vez em sua longa e penosa existência, se sentiu realmente completo.



Um conto moderno de fadas

Todas as pessoas no mundo guardam em si experiências únicas, algumas tão exóticas ou misteriosas que seria melhor morrer com elas em total segredo do que se exporem a descrença ou a desconfiança de insanidade mental. Infelizmente este conselho não foi seguido pelo Sr. Antonio Duatippe. Dois anos antes de seu falecimento, ele estava sentado sozinho em seu restaurante predileto, próximo ao seu apartamento, aguardando seu jantar. Desde que se aposentou e resolveu não mais exercer a carreira de advogado, prometeu a si mesmo uma vida plena e tranqüila. Morava só e isso incomodava os vizinhos. Sempre se ouvia entre os corredores do condomínio vindo das pessoas que informalmente são conhecidas como jornal local ou condomínio “news” os seguintes comentários:

- Ele mora só! Meu Deus, dessa idade. Diziam

alguns.

- Se morrer nesse apartamento. Quem vai saber?

Diziam outros.

- Deve ser muito chato e infeliz para terminar tão só.

Diziam os moradores mais “ácidos”.

O fato é que após nossa conversa descobri incrédulo que ele não estava só e nem era triste. Um dia ele me convidou para sentar em sua mesa e me falou:

- Nos conhecemos há muito tempo e como nunca perguntou nada sobre minha vida, acho que posso

lhe confiar uma estória. Não peço que acredite em mim, entenda se quiser que isto não passe de um delírio de um velho louco, não me importo, mas após lhe contar, faça o que quiser com ela, guarde para si ou divulgue, não vai fazer diferença.

Então, logo após toca demoradamente nos talheres que estava sobre a mesa como se procurasse neles uma falha qualquer vista apenas por um experiente especialista, começou a falar:

Sempre tive tudo que quis. Nasci em uma família muito conceituada na região. Filho único, cujo pai era o Juiz do local e a mãe, filha de família tradicional local, era natural que a carreira de advogado já estava traçada em minha vida desde cedo. Tive uma infância normal, com amigos e namoros que pareciam eternos, com direito a todos os excessos emocionais e impulsos da idade. Fui um

excelente aluno, tanto na escola quanto na faculdade. Ao concluir o curso de direito, adquiri os primeiros adversários e admiradores, devido a minha facilidade de argumentação e conhecimento legal.

Resolvi manter minha carreira distante da sombra do nome de meu pai. Aceitei um emprego em um escritório distante da minha cidade. Preparei tudo e resolvi viajar de carro para que o tempo e a distância me permitisse pensar com clareza em meus projetos pessoais. Então, após horas na estrada, tendo a noite

envolvido tudo ao meu redor, ouvi um barulho estranho no carro. Parei no acostamento, próximo à beira de uma floresta. Desci do carro e tentei em vão entender do que se tratava. De repente, tive uma sensação incomoda de estar sendo observado. Olhei várias vezes para todos os lados em vão. Mesmo me sentindo ridículo chamei por alguém sem resposta. Quando tinha certeza que tudo não passava de mera criação dos meus temores infantis, escutei uma voz: - A coisa não anda?

Virei rapidamente, assustado, tentando localizar o dono da voz. Lembro que jamais havia ouvido um timbre tão suave e diferente. O que vi parou meu coração por milésimos de segundo. Algo sobrenatural, tão incrível que neguei de imediato sua existência devido a minha mente lógica. Recorri de imediato a ignorância científica, ou seja, se não

posso provar cientificamente, não existe. Sentei no chão sem conseguir respirar direito e disse em voz alta: Feche os olhos e conte até cinqüenta. Devo recuperar minha razão e descobrir que não passou de cansaço mental, devo estar estressado pela viagem e pelas mudanças. Cinqüenta segundos se passaram... Dois minutos além desses... silêncio. Resolvi abrir os olhos. Nada. Que loucura, pensei. Quando me virei, ela estava lá olhando espantada para mim, tentando entender o porquê de minhas

ações. Fiquei paralisado. Ela sorriu e me perguntou mais uma vez:

Então, a coisa parou?

No meu cérebro, cuja necessidade de conceituar tudo era essencial, a imagem mais próxima do que vi era a de uma fada. Uma criatura pequena, humanóide, com pequenas asas, de beleza impar, tinha os cabelos negros e uma cor que de imediato me fez concluir que possuía hábitos noturnos.

Como um homem maduro de trinta e poucos anos, advogado, amante da lógica, poderia estar passando por essa experiência tão surreal.

Apostando no impossível e que estava vivendo uma alucinação, resolvi usar a tão aclamada habilidade de argumentação para iniciar um diálogo. Como todo ser humano, consegui ser o mais previsível possível: -O que você é? O que quer de mim? Perguntei, de

imediatamente me sentindo um completo idiota.

- Sou da floresta. O que poderia querer de você? Ela me respondeu.

Recebi a resposta certa para as perguntas tolas que fiz. Mas não me contive e continuei tentando dominar a conversa com perguntas óbvias e lógicas para tentar entender o ilógico (naquela época isso fazia algum sentido).

-Você não existe.

-Não? Você está conversando com quem então? Senti

uma inteligência ali, alguém e não uma coisa. O seu comentário repleto de humor caiu como cofre sobre o resto de argumentação racional que havia preparado.

Mais pelo ego ferido do que por qualquer outro motivo esperado, respondi:

-Talvez com uma criação de minha imaginação devido ao cansaço que me encontro.

-Estranho. Nunca imaginei que minha existência se devesse ao cansaço de alguém. Sorri e me desafiou:

-Talvez devesse ir com você a seu destino. Cansei daqui e ao longo do caminho talvez você consiga achar uma explicação para minha existência.

Achei tão absurda a situação que ia fechar os olhos novamente e exigir que essa miragem desaparecesse. Mas ao vê-la sorrir e ao ouvi-la, me vi, tardiamente, sem defesas e concordei.

Daí começa uma longa estória de convivência que considerávamos perfeita ao longo de 20 anos. Um dia, percebi um traço de tristeza na fada, mas no auge do meu egoísmo, como não havia a reclamação, não havia problema.

Sua tristeza se agravava e então, para minha infelicidade, observei finalmente o grande erro que havia cometido. Na ânsia de criar um mundo perfeito só para mim, esqueci que ela não era como eu e ao

longo dos anos, vivendo um para o outro, sob a capa de proteção eu fui seu algoz e fiz com que suas asas a cada ano definhassem mais.

Com uma dor no peito tão profunda que só conhece quem já perdeu um grande amor, falei:

- Você precisa ir. Não pode mais viver aqui.

Ela tentou sorrir, com muito esforço, falou:

- Não se culpe. Ambos erramos. Cometemos um grande erro perante a natureza das coisas. Não existe mundo perfeito. Apenas vida a ser vivida com todo o ardor. Prendemos um ao outro em um mundo fictício. Eu existo porque existo. O mundo que criamos nunca existiu.

Com muita dificuldade e quase sem voz, pedi:

- Voe para o mundo, viva. Vou tentar o mesmo.

Ainda temos muito a aprender. Minha janela estará sempre aberta para você.

Senti um vento quente e suave que banhou meu corpo e em seguida o silêncio. Ela se foi. Anos depois ela retornou. Estava com algumas cicatrizes, normais para quem realmente resolver viver, mas nunca havia visto nesta vida pares de asas tão grandes e resplandecentes.

Também fiz coisas incríveis. Coisas que antes nem imaginava. Fiz por mim, fiz pela minha vida, mas o maior presente que recebi foi diferenciar o amor da

posse. O amor vive na liberdade e a posse vive em um mundo imaginário.

Depois que ele encerrou a estória, ambos ficamos em silêncio. Um, lembrando do passado, o outro avaliando o presente. Ele sorriu para mim e falou baixinho, como que conversa consigo: A janela nunca estará fechada. Foi aberta para a eternidade. Mesmo quando eu for embora daqui. Sempre haverá janelas abertas.

Dois anos depois, ele se foi para sempre. Alguns vizinhos juram que, depois de sua morte, ouviram um ruflar de asas e um vento quente e suave enchendo o coração dos homens de amor e esperança, sentimentos que só são sinônimo de felicidade no pensamento dos poetas.



Um velho conto diferente

Eu estou morrendo... Fui atingido em algum lugar vital.

Minhas lembranças passam rapidamente enquanto minha visão fica turva.

Lembro da minha infância correndo pela floresta. Minha família unida, junto a outras, todos cuidando um dos outros. Caçávamos juntos e éramos muito felizes.

Um dia a felicidade acabou. Outra tribo se instalou próximo a floresta.

Chegaram aos poucos. Mas já chegaram deixando sua marca.

No início não havia confronto. Nenhum de nós invadia a área do outro. À medida que sua tribo crescia, a floresta diminuía e a caça ficava escassa. Foi inevitável. Começou o conflito. De ambos os lados houve perda e lágrima. No final toda nossa

tribo foi exterminada. Nada me restou, apenas a fome e o medo são meus companheiros inseparáveis. Espreito nas sombras em busca de algo que sacie minha fome.

Estão destruindo a floresta. Todo dia ela diminui um pouco. Os animais fogem para longe ou caem nas armadilhas cruéis dessas criaturas. Horas e horas de dor lancinante. Ouço gritos de dor por horas até que eles voltem ou que a vítima morra em sofrimento.

Cada dia mais eles tiram o meu espaço e meu alimento.

Hoje acordei faminto, um filhote dessas criaturas passou pelo caminho com mantimentos. O cheiro é tão sedutor que supera o meu medo.

Eu segui seus passos pacientemente até chegar ao seu destino. Outra criatura se aproxima. Ela tem a estatura maior que o filhote. Não consigo resistir. Não suporto mais. Eu preciso me alimentar.

Depois disso tudo ficou confuso. Gritos. Terror. Um grande estrondo. Dor.

Todas as criaturas estão ao meu redor. Gritam: Fim do lobo.

Lobo Mau.

Eu sou mal? Eu sou o mal?

Riso... dor...paz.



Flores

Vivia uma flor colocada em um singelo jarro próximo a uma varanda de uma casa. Um dia, uma pessoa colocou um belo jarro de flores artificiais próximo ao outro.

A flor artificial, observando a outra, cujo tempo não permite tréguas, lhe disse: “Em breve envelhecerás, em breve tua beleza de nada lhe valerá, estarás murcha e feia.”

A flor natural nada lhe falou, o silêncio foi sua melhor resposta.

De fato, ela foi murchando, definhando, sob a felicidade indiscreta da rival.

O que esta não entendia e, lhe perturbava de sobremaneira, era o fato de todas as pessoas que passavam, se aproximavam bastante da outra flor, sorriam e depois iam embora mantendo este ar de

felicidade. Esse ato se repetia bastante, com diversas pessoas, de todas as idades.

Não suportando mais sua frustração, falou:

- Sem dúvida sou a mais bonita. Não há meios de nos comparar. Mas todos que por aqui passam, param, se aproximam de você e depois saem sorrindo. Qual o segredo? Como você consegue?

- É simples, mas você não irá entender. Toda beleza encanta os olhos e vira objeto de desejo do ser humano, mas após conquistá-la, ele se acostuma,

perdendo assim o valor. O que eu ofereço a eles é a minha essência. Ela estará comigo até o fim e isso eles não podem ter. Minha vida é curta de fato, estou definhando, mas faço sorrir a todos que se aproximam, pois o meu perfume representa a vida. A tua beleza plástica, eterna e insípida, será tua maldição, pois enquanto eu que pouco vivo, sou eterna, você, em beleza eterna, receberá o rápido esquecimento como tudo que é fugaz.